

## Movimentos Anti-Sistêmicos na América Latina: Venezuela e sua “função piemontesa”

Charles Pennaforte<sup>1</sup> e Ricardo Luigi<sup>2</sup>

### Resumo

Apesar de o conceito de movimentos anti-sistêmicos englobar uma série manifestações anti-hegemônicas, objetivamos neste artigo nos atermos aos acontecimentos ocorrentes na América Latina, desde a reunião internacional promovida pelos “zapatistas” no México em 1996, até as atuais posturas tomadas pelo Governo Chávez, assumindo a “função piemontesa” de que falava Gramsci, um Estado liderando o movimento que, em tese, haveria de ser tomado por grupos sociais.

**Palavras-chave:** Venezuela, Soberania, América Latina, Doutrina Bush

### Abstract

This article discusses the paper of Chavez government in the construction of an effective sovereignty in Latin America, at the same time that it is confronted with an adverse political setting.

The external politics proposed for the White House and grounded in the Bush Doctrine does not allow that Latin American governments endanger the *modus vivendi* planned for the Department of State.

**Key words:** Venezuela, Sovereign, Latin America, Bush Doctrine.

---

Versão atualizada do trabalho publicado em *Boletín de Relaciones Internacionales*, Buenos Aires, nº 8 Abril/Mayo de 2005 ([www.relinter.com.ar](http://www.relinter.com.ar)).

<sup>1</sup> Diretor do CENEGRI e editor da revista *Intellector*. Página Pessoal <http://www.charlespennaforte.pro.br>. E-mail: [charlespennaforte@cenegri.org](mailto:charlespennaforte@cenegri.org)

<sup>2</sup> Pesquisador do CENEGRI e co-editor da revista *Intellector*.

E-mail: [ricardoluigi@superig.com.br](mailto:ricardoluigi@superig.com.br)

Recebido em 22/05/2005. Aprovado para publicação em 17/06/2005

"A volta de Chávez fez o governo em Washington parecer estúpido."

Paul Krugman, escrevendo no New York Times<sup>3</sup>

**P**odem ser caracterizadas duas linhas evolutivas de movimentos anti-sistêmicos na América Latina durante a "Nova Ordem Mundial" (após o colapso da URSS): a que começa na reunião internacional promovida pelos zapatistas em Chiapas (México) no ano de 1996 – que vai culminar nos fóruns sociais; e a que se inicia com a chamada "onda vermelha", que ocorreu após o colapso do neoliberalismo no continente. Apesar de ambas ocorrerem paralelamente, de maneira efetiva, apenas a agitação capitaneada pelo governo Hugo Chávez obteve real êxito, assumindo papel semelhante ao Estado de Piemonte durante a unificação italiana. Ou seja, um "Estado" toma as rédeas do processo, deixando em segundo plano as iniciativas partidas dos grupos sociais.

### **De Chiapas a Porto Alegre: a ação anti-sistêmica dos grupos sociais**

A Conferência Intergaláctica pela Humanidade e contra o Neoliberalismo, organizada pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) em 1996 no estado de Chiapas, no México, é considerada como o "marco zero" na linha de organização anti-sistêmica por parte de grupos sociais na América Latina neoliberal. Por mais que os manifestos antiglobalização em Seattle sejam considerados a marca desse tipo de atuação no mundo atual, o Fórum Social Mundial (FSM) em Porto Alegre remete muito mais à iniciativa mexicana. Ou, ao menos, é assim que deveria ser.

Na prática, pouco se evoluiu desde o evento de 2001. Congregando pessoas de todo o mundo, o FSM teve poucos efeitos reais, a não ser um certo recrudescimento momentâneo das utopias de um mundo mais igualitário, e – o

---

<sup>3</sup> Reproduzida pela Folha de S. Paulo em 17/04/2002.

lado perverso – a ascensão da carreira e a elevação na venda de livros de alguns acadêmicos de esquerda.

Entretanto, “torna-se necessária uma articulação mais efetiva com propostas gerais e comuns a todos os grupos que estão na luta contra o capitalismo em sua forma neoliberal” (PENNAFORTE, 2003, p. 69). E o Fórum de Porto Alegre se perdeu em sua exuberância e não soube aonde ir. Em paralelo a isso, a saturação social depois das práticas neoliberais que levaram ao aumento da pobreza e da miséria na América Latina, produziu o fenômeno de chegada ao poder no continente de governantes mais inclinados à esquerda. Principalmente o governo venezuelano, um dos principais interlocutores antiglobalização, até mesmo em escala global.

### **De Chávez a Lula: a ação anti-sistêmica dos Estados**

As crises econômicas que começaram no México em 1999 e se estenderam daí por diante com reflexos em praticamente todos os países “não-centrais” do continente, não só provocaram miséria e desestruturação das economias nacionais, mas também abriram espaço para a chegada ao poder de governos alinhados com princípios de esquerda política (ao menos moderada). Dos governos de centro-esquerda que mais se tornaram polêmicos na atualidade, o venezuelano é emblemático.

Nem mesmo a eleição de Lula no Brasil representou tal radicalização. Tal radicalização não seria possível em território brasileiro por conta da estrutura de alianças à direita feita pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Por outro lado, a chegada ao poder de Hugo Chávez com sua "Revolução Bolivariana" parece ter representado um ataque à “visão de mundo” norte-americana. O governo Bush, com seu modelo de “guerra infinita”, tenta a todo custo refrear esse movimento anti-sistêmico venezuelano. Tanto que uma simples troca de armamentos (algo natural em qualquer estado, a manutenção das forças do exército) pode virar

estopim para os EUA deflagrarem um confronto contra o país de Chávez. Confronto este que, apesar de não expresso, já vinha ocorrendo por meio de medidas tais quais o golpe que se tentou engendrar contra o governo chavista em 11 de abril de 2002, cuja participação do governo ianque é sobejamente sabida.

O fato é que as medidas tomadas por Hugo Chávez, interna e externamente, colocaram o seu governo na linha de confronto. No aspecto externo, há uma tentativa de se congregarem as forças de esquerda no bloco continental, seja por meio de ajudas a Cuba (com venda de petróleo apesar do embargo norte-americano), seja pelo cunho ideológico com que incita os governos de Brasil e Colômbia, entre outros, a se insurgirem pela sua autonomia. Dessa forma, assumindo papel semelhante ao Estado de Piemonte durante a unificação italiana, ou seja, um “Estado” tomando as rédeas do processo, deixando em segundo plano as iniciativas partidas dos grupos sociais.

### **A Função Piemontesa da Venezuela**

A função de Piemonte durante a unificação italiana, segundo Gramsci, foi a de “classe dominante”, ou seja, foi o núcleo dominante que capitaneou a luta de todas as outras cidade-estados.

Nas palavras de Arrighi<sup>4</sup>, citando Gramsci:

“A função do Piemonte no *Risorgimento* italiano foi de uma “classe dominante”. Na realidade, o que estava aí envolvido não era quem em toda a península existiam núcleos de uma classe dominante homogênea, cuja irresistível tendência a se unir determinava a formação do novo Estado nacional italiano. Estes núcleos existiam (...)

---

<sup>4</sup> ARRIGHI, Giovanni. In: Os Impasses da Globalização: Hegemonia e Contra-Hegemonia (Vol. 1). São Paulo, Ed. Loyola, p. 116, 2003.

mas sua tendência a se unir era extremamente problemática. (...) Eles queria uma nova força para se tornar o árbitro da Nação: esta força era o Piemonte”.

Assim como o estado italiano, a Venezuela lidera o bloco de estados latino-americanos não alinhados com o Consenso de Washington. Sem considerar Cuba, talvez seja o único Estado “dominante” do continente, o que acaba por provocar reações da potência hegemônica: os Estados Unidos.

### **Reação hegemônica: os EUA e a Doutrina Bush**

Na verdade, a política externa norte-americana não comporta um grau maior de autonomia da comunidade latino-americana. De modo geral, as bases que regem o paradigma da política norte-americana na atualidade ainda estão baseadas em preceitos da Guerra Fria. Apesar da redemocratização do continente na década de 90, a América Latina manteve políticas econômicas e sociais extremamente conservadoras, que acentuaram os problemas sociais, e abriram de alguma maneira o caminho para a "onda vermelha". O comportamento norte-americano ainda contém traços de "luta contra o comunismo". A existência de inspirações socialistas no conteúdo de discursos, ou simplesmente propostas de se rever as facetas mais desigualitárias do capitalismo internacional (comandado pela hegemonia dos EUA), provocam reações inflamadas do Governo de Washington, seja por meio de declarações oficiais (através de diplomatas ou agentes diretamente ligados ao estado), seja por via de ações ideológicas (artigos ofensivos geralmente propalados no *New York Times*).

A Doutrina Bush deu a real dimensão da política externa norte-americana sem a máscara democrática peculiar do país. A questão primordial é que a manutenção do interesses dos EUA sobre a América Latina não comporta a

autonomia do "aliados". Representa, sim, submissão aos interesses norte-americanos. Toda a problemática de Hugo Chávez está relacionada à tentativa de manter sua autonomia política dentro do contexto desfavorável: a Doutrina Bush não permite tais luxos.

### **Anti-sistêmicos = pró-soberanos**

A questão da soberania passou a ser um ponto importante dentro dos debates políticos na América Latina. Sendo assim, este debate deve ser feito dentro de mais um contexto: o da Doutrina Bush. Sob a égide dessa Doutrina, os EUA achacam a autonomia alheia, fazendo da luta anti-sistêmica uma jornada de reafirmação soberana.

Desse modo, surge a questão: como ser um país "soberano" dentro de um contexto extremamente hostil? Como lutar habilmente contra o sistema hegemônico, evitando confrontos diretos e solapando indiretamente suas bases? São respostas difíceis de serem previstas, mas o fato é que Brasil, Bolívia, Uruguai, Colômbia, Argentina, e principalmente Venezuela estão dando importantes passos nesse sentido ao tentarem harmonizar bem-estar social, soberania e luta contra as assimetrias em meio ao turbulento cenário do capitalismo internacional. Com o agravante de que qualquer tipo de medida anti-sistêmica afronta a hegemonia dos EUA, já não tão mais consentida (segundo a idéia de Gramsci, toda a hegemonia é consentida).

Conforme visto, os grupos sociais estão longe de serem efetivamente produtivos nesta luta, apesar do estardalhaço em torno deles criado pela mídia. Entretanto, o governo sediado no Palácio Miraflores a acampa, afrontando a *Hegemonia* e assumindo a "função piemontesa" ao liderar o movimento anti-sistêmico na América Latina à revelia da vontade dos EUA, representante maior do sistema-mundo.

## Bibliografia

AMIN, Samir. Imperialismo e Desenvolvimento Desigual. São Paulo, Vértice, 1987.

BUCI-GLUCKSMANN, Christinne. Gramsci e o Estado. São Paulo, Paz e Terra, 2ª ed., 1990.

CHESNAIS, François. A Mundialização do Capital. São Paulo, Xamã, 1996.

GRAMSCI, Antonio. Concepção Dialética de História. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1989.

GENTILI, Pablo (Org.). Globalização Excludente: desigualdade, Exclusão e Democracia na Nova Ordem Mundial. Petrópolis, Vozes/CLACSO, 1999.

PENNAFORTE, Charles. América Latina e o Neoliberalismo: Argentina, Chile e México. Rio de Janeiro, E-Papers, 2001.

\_\_\_\_\_. Fragmentação e Resistência: o Brasil e o Mundo no Século XXI. Rio de Janeiro, E-Papers, 2003.

SANTOS, Theotônio dos et alli (org.) Os Impasses da Globalização: Hegemonia e Contra-Hegemonia (Vol. 1). São Paulo: Ed. Loyola, 2003.